

SECRETARIADO DA PASTORAL SOCIAL



Para uma Igreja Sinodal: **Comunhão,**
Participação, **Missão.**

TEMA DO SÍNODO - “Para uma igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

SINODALIDADE – é o caminho que Deus quer da Igreja do terceiro milénio. Que viva a sua missão no mundo, como Povo de Deus. Caminhando juntos, não deixando ninguém para trás. Todos em comunhão, participação e missão. O nosso “caminhar juntos” é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário. ... Para “caminhar juntos”, é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito para uma mentalidade verdadeiramente sinodal, entrando com coragem e liberdade de coração num processo de conversão ...

Princípios, que enunciam a sinodalidade- como forma, como estilo e como estrutura da Igreja:

- fazer memória do modo como o Espírito orientou o caminho da Igreja ao longo da história e como hoje nos chama a ser, juntos, testemunhas do amor de Deus;
- viver um processo eclesial participativo e inclusivo, que ofereça a cada um – de maneira particular àqueles que, por vários motivos, se encontram à margem – a oportunidade de se expressar e de ser ouvido, a fim de contribuir para a construção do Povo de Deus;
- reconhecer e apreciar a riqueza e a variedade dos dons e dos carismas que o Espírito concede em liberdade, para o bem da comunidade e em benefício de toda a família humana;
- experimentar formas participativas de exercer a responsabilidade no anúncio do Evangelho e no compromisso para construir um mundo mais belo e mais habitável;
- examinar como são vividos na Igreja a responsabilidade e o poder, e as estruturas mediante as quais são geridos, destacando e procurando converter preconceitos e práticas distorcidas que não estão enraizadas no Evangelho;
- credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro fiável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social;
- regenerar as relações entre os membros das comunidades cristãs, assim como entre as comunidades e os demais grupos sociais, por exemplo, comunidades de crentes de outras confissões e religiões, organizações da sociedade civil, movimentos populares, etc; (Doc. Sínodo)

Finalidade do Sínodo

- Escutar o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja. Fazemo-lo escutando juntos a Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja e, depois, escutando-nos uns aos outros e especialmente aos que estão à margem, discernindo os sinais dos tempos.

Para “caminhar juntos”, é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito para uma mentalidade verdadeiramente sinodal, entrando com coragem e liberdade de coração num processo de conversão ... um caminho de crescimento autêntico rumo à comunhão e à missão que Deus chama a Igreja a viver no terceiro milénio.

OBJETIVO DESTA REFLEXÃO/FORMAÇÃO

Ouvir a voz de todos aqueles que identificam a Instituição: direção, equipa técnica e funcionários. O que pensam e sentem, o que há a mudar, na participação de cada um, à luz da Parábola do Samaritano, no processo sinodal da nossa Paróquia e da nossa Diocese de VISEU.

DESENVOLVIMENTO DA REFLEXÃO/FORMAÇÃO

Serão as nossas IPSS uma expressão, um rosto de uma Igreja Sinodal ?

Orientador

Já há muito tempos que é sugerido, pelo próprio Papa Francisco, um processo de "caminhar juntos", escutando diretamente todas as expressões do povo de Deus, colhendo das bases das comunidades e dos cristãos, dos não cristãos e da sociedade em geral, as impressões, testemunhos e dados referentes à essencialidade da Igreja, em sua "comunhão, participação e missão", ouvindo, deixando que todos tomem a palavra, falando com coragem, integrando liberdade, verdade e caridade; celebrando a Palavra e a Eucaristia, na corresponsabilidade missionária, participando da comunidade eclesial e no serviço à sociedade, com responsabilidade social e política, no diálogo e na busca da justiça e do bem comum, salvaguardando os direitos humanos, no cuidado com a casa comum; fomentando a união e diálogo ecumênico, a partir de um único Batismo, investindo

na sinodalidade como um princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades, numa decisão por discernimento com base num consenso que dimana da obediência comum ao Espírito; tornando as lideranças e membros da Igreja mais capazes de caminhar juntos, de se ouvir mutuamente e de dialogar,

num crescimento em comunhão, aumentando a participação ministerial e o comprometimento missionário.

Oração:

Eis-nos aqui, diante de Vós, Espírito Santo!
Eis-nos aqui, reunidos em vosso nome!

Só a Vós temos por Guia:
vinde a nós, ficai connosco,
e dignai-vos habitar em nossos corações.
Ensinai-nos o rumo a seguir
e como caminhar juntos até à meta.

Nós somos débeis e pecadores:
não permitais que sejamos causadores da
desordem;
que a ignorância não nos desvie do caminho,
nem as simpatias humanas ou o preconceito
nos tornem parciais.

Que sejamos um em Vós,
Caminhando juntos para a vida eterna,
Sem jamais nos afastarmos da verdade e da
justiça.

Nós vo-lo pedimos
a Vós, que agis sempre em toda a parte,
em comunhão com o Pai e o Filho,
pelos séculos dos séculos.

Ámen.

Orientador

Aparecimentos das IPSS (História)

Até à criação das misericórdias no final do século XV e desde os primórdios da nacionalidade, as necessidades da população portuguesa, em matéria de assistência, tinham dado origem a uma multiplicidade de iniciativas.

Muitas delas eram de âmbito local, ligadas não apenas a ordens militares e religiosas (que tiveram um importante papel na reconquista e no repovoamento do território) como também aos municípios e às confrarias de mestres ou a simples particulares (mercadores ricos, etc.); outras, pelo contrário, deveram o seu nascimento à devoção de vários reis, rainhas e demais gente da nobreza e do alto clero.

No final do século XV existiam quatro tipos de estabelecimentos assistenciais: Albergarias, Hospitais (como hospedarias para os pobres), Gafarias ou Leprosarias e Mercearias (obrigação religiosa de fazer o bem pela alma ou saúde de alguém).

Apenas os hospitais, agora com uma função declaradamente de prestação de cuidado de saúde, subsistem hoje em dia.

A partir do século XVII a solidariedade começa a desmarcar-se do sentido puramente religioso da caridade para se assumir como um dever social do Estado e da sociedade civil, “... *No transcurso da evolução observada (1700-1830) o que ressalta é o triunfo gradual do modelo filantrópico sobre o velho paradigma da caridade piedosa, entendida, desde a longínqua Idade Média, como tesouro de salvação pessoal.*”

A criação da Casa Pia nos finais do século XVIII pode ser considerada como uma referência para o lançamento da assistência social com origem pública/estatal em Portugal.

A Lei 2120 de 19 de Julho de 1963 instituiu as Instituições Particulares de Assistência, que eram consideradas Pessoas Coletivas de Utilidade Pública Administrativa (PCUPA) e assumiam as formas de Associações de Beneficentes, Institutos de Assistência (religiosos ou não) ou Institutos de Utilidade Local (Fundações).

Foi com a Constituição de 1976 (artigo nº 63) que surgiu pela primeira vez o termo IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social).

Escuta da Palavra — Lc 10, 25-37

Naquele tempo, levantou-se um doutor da lei e perguntou a Jesus para O experimentar: «Mestre, que hei de fazer para receber como herança a vida eterna?».

Jesus disse-lhe: «Que está escrito na lei? Como lês tu?».

Ele respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti mesmo».

Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem. Faz isso e viverás».

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: «E quem é o meu próximo?».

Jesus, tomando a palavra, disse: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores. Roubaram-lhe tudo o que levava, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o meio morto.

Por coincidência, descia pelo mesmo caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante.

Do mesmo modo, um levita que vinha por aquele lugar, viu-o e passou também adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele e, ao vê-lo, encheu-se de compaixão.

Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

No dia seguinte, tirou duas moedas, deu ao estabelecimento e disse: (Texto)

Reflexão — Orientador:

■ Desde o início, a Igreja procurou formas de socorrer, ajudar e acolher as pessoas carenciadas. A doutrina social da Igreja, difundida particularmente a partir da *Rerum Novarum* e sistematicamente aprofundada em vários documentos posteriores, veio trazer à consciência uma riquíssima tradição solidária. Ultimamente, a ação solidária da Igreja tem sido feita de forma mais organizada, nos Centros Sociais Paroquiais. Mas estes necessitam hoje de uma certa reflexão.

■ A Pastoral Social-IPSS corresponde à dimensão social do anúncio do Evangelho, traduzida no pensamento social cristão, e visa dar resposta às preocupações e às intenções da Igreja relativas à transformação da realidade, para que possamos viver num mundo mais justo e mais fraterno.

■ A Igreja, Povo de Deus, que tem como referência Cristo, luta pela dignidade de cada pessoa e tem como projeto fazer cada pessoa feliz. Daí a necessidade de as instituições estarem “encharcadas” de misericórdia, sendo esta fonte de serenidade, de alegria e de paz.

■ O olhar de Deus cruza-se com o nosso, e isso deve levar-nos a uma profunda reflexão na vida e dinâmica das nossas instituições. É, sem dúvida, este caminho que nos aponta o Papa Francisco num desafio de sinodalidade, assentando o paradigma cristão no amor, que se concretiza em cada um de nós e na vida destas instituições, cumprindo o mandamento novo que Jesus nos confiou. Assim, sobretudo na ação

social, devemos assumir a regra de ouro que Jesus nos deixou: “O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também” (Lc 6, 31).

Trabalho Grupo

No texto do Evangelho aparecem várias personagens:

Com quem te identificas? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles te assemelhas?

Anunciando o Evangelho, **uma Igreja sinodal “caminha em conjunto”**: como é que este “caminhar juntos” se realiza hoje na vossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?

Observando, toda a ação ou dinâmica das nossas IPSS, existe uma Igreja sinodal que “caminha em conjunto”? E os 68 Centros Sociais Paroquiais da nossa diocese: como se relacionam? Como interagem? Há espírito de sinodalidade entre as várias IPSS? Que fazer para que haja: comunhão, participação e missão?

Rer estas experiências mais profundamente: **que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontramos? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?**

Plenário

Conclusões

Oração

NB: Devem ser recolhidos os contributos de todos.

Pelo SECRETARIADO DA PASTORAL SOCIAL

Pe M. CLEMENTE

Anexos:

Documentos vários : Concílio Vat II

1er Encíclica-Fratelli tutti -Papa Francisco

Da Encíclica-Fratelli tutti

-O abandonado

63. Conta Jesus que havia um homem ferido, estendido por terra no caminho, que fora assaltado. Passaram vários ao seu lado, mas... foram-se, não pararam. Eram pessoas com funções importantes na sociedade, que não tinham no coração o amor pelo bem comum. Não foram capazes de perder uns minutos para cuidar do ferido ou, pelo menos, procurar ajuda. Um parou, ofereceu-lhe proximidade, curou-o com as próprias mãos, pôs também dinheiro do seu bolso e ocupou-se dele. Sobretudo deu-lhe algo que, neste mundo apressado, regateamos tanto: deu-lhe o seu tempo. Tinha certamente os seus planos para aproveitar aquele dia a bem das suas necessidades, compromissos ou desejos. Mas conseguiu deixar tudo de lado à vista do ferido e, sem o conhecer, considerou-o digno de lhe dedicar o seu tempo.

64. Com quem te identificas? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles te assemelhas?

Digamos que crescemos em muitos aspetos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas. Habitamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima.

66..... Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que «a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro».[57]

67.. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum

69.... Dia a dia enfrentamos a opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam ao largo.

70... existem simplesmente dois tipos de pessoas: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo. ?

74. Nas pessoas que passam ao largo, há um detalhe que não podemos ignorar: eram pessoas religiosas. Mais ainda, dedicavam-se a dar culto a Deus: um sacerdote e um levita. Isto é uma forte chamada de atenção: indica que o facto de crer em Deus e O adorar não é garantia de viver como agrada a Deus. ??

79. **O samaritano do caminho partiu sem esperar reconhecimentos nem obrigados.** A dedicação ao serviço era a grande satisfação diante do seu Deus e na própria vida e, conseqüentemente, um dever. Todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da terra. Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano.

184. A caridade está no centro de toda a vida social sadia e aberta. Todavia, hoje, «não é difícil ouvir declarar a sua irrelevância para interpretar e orientar as responsabilidades morais».[175] É muito mais do que um sentimentalismo subjetivo, naturalmente se aparece unida ao compromisso com a verdade, para que não acabe «prisioneira das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos».[176] É precisamente a relação da caridade com a verdade que favorece o seu universalismo, evitando assim que ela acabe «confinada num âmbito restrito e carente de relações».[177] Caso contrário, será «excluída dos projetos e processos de construção dum desenvolvimento humano de alcance universal, no diálogo entre o saber e a realização prática».[178] Privada da verdade, a emotividade fica sem conteúdos relacionais e sociais. Por isso, a abertura à verdade protege a caridade duma fé falsa, que a priva de «amplitude humana e universal».[179]

185. A caridade precisa da luz da verdade, que buscamos constantemente, e «esta luz é simultaneamente a luz da razão e a da fé»,[180] sem relativismos. Isto supõe também o desenvolvimento das ciências e a sua contribuição insubstituível para encontrar os percursos concretos e mais seguros para alcançar os resultados esperados. Com efeito, quando está em jogo o bem dos outros, não bastam as boas intenções, mas é preciso conseguir efetivamente aquilo de que eles e seus países necessitam para se realizar.

Construir juntos

203. O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e

exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade; mas só se verifica realmente na medida em que o referido desenvolvimento se realizar em diálogo e na abertura aos outros. Com

efeito, «num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria. Deste modo torna-se possível ser sincero, sem dissimular o que acreditamos, nem deixar de dialogar, procurar pontos de contacto e sobretudo trabalhar e lutar juntos».[197] O debate público, se verdadeiramente der espaço a todos e não manipular nem ocultar informações, é um estímulo constante que permite alcançar de forma mais adequada a verdade ou, pelo menos, exprimi-la melhor. Impede que os vários setores se instalem, cómodos e autossuficientes, na sua maneira de ver as coisas e nos seus interesses limitados. Pensemos que «as diferenças são criativas, criam tensão e, na resolução duma tensão, está o progresso da humanidade».[198] (Papa Francisco)

Diz o Evangelho que **Jesus “percorria todas as cidades e aldeias”**. No caminho, encontrava as **“multidões cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor”**. Diante delas, Jesus sentia “compaixão”. Aqui está o espírito de toda a ação social. Hoje, como no tempo de Jesus, as multidões dos pobres encontram-se “cansadas e abatidas”. Cansadas de tantas promessas não cumpridas, de tanta corrupção e de tanto lutar em vão; abatidas pelo peso da exclusão e da miséria, da fome e da doença, do abandono e do descaso. Hoje, como ontem, a injustiça e a desigualdade social gera milhares de empobrecidos que se tornam excluídos, quando não exterminados. Geram, ainda, desemprego, violência, dependência química, prostituição, racismo e destruição do meio ambiente. Esta situação atinge todo planeta, porém, de forma mais brutal os países subdesenvolvidos. Nesse contexto social, o que significa a compaixão? Palavra composta de outras duas: com-paixão. Estar com na paixão do outro, na cruz do seu sofrimento. Sentir a dor do outro e, juntos, buscar soluções alternativas. Estar com, não significa dar coisas, mas dar-se. Dar o próprio tempo, colocar-se à disposição. Em síntese, significa caminhar junto com aquele que sofre. Assumir sua dor e tentar encontrar saídas para superar os momentos difíceis. Vamos agora ao segundo exemplo. ***Diz um provérbio chinês que perguntaram a determinada mulher a qual dos filhos ela mais amava. Ela, como mãe, respondeu: ao mais triste até que sorria, ao mais doente até que sare, ao mais distante até que volte, ao mais pequeno até que cresça. Combinando os dois exemplos, podemos dizer que Deus tem nome de Pai e coração de Mãe.*** O amor de Deus se estende a todos seus filhos e filhas. Todos e todas têm lugar em seu coração misericordioso e compassivo. Mas esse mesmo coração tem uma predileção especial pelos que sofrem.

«Toda a atividade apostólica deve fluir e receber força da caridade; algumas obras, porém, prestam-se, por sua própria natureza, a tornarem-se viva expressão dessa

caridade. Cristo quis que elas fossem sinais da sua missão messiânica (cf. Mt 11, 45).

O maior mandamento da lei é amar a Deus de todo o coração, e ao próximo como a si mesmo (cf. Mt 22, 37-40). Cristo fez deste mandamento do amor para com o

próximo o seu mandamento, e enriqueceu-o com novo significado, identificando-se aos irmãos como objeto da caridade, dizendo: “sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Com efeito, assumindo a natureza humana, Ele uniu a si como família, por uma certa solidariedade sobrenatural, todos os homens e fez da caridade o sinal dos seus discípulos, com estas palavras: “nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13, 35 (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)

(Pe M. Clemente)

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NA 49ª SEMANA SOCIAL DOS CATÓLICOS ITALIANOS

«O planeta que esperamos. Meio ambiente, trabalho, futuro. Tudo está interligado»

[Taranto 21-24 de outubro de 2021]

Estimados irmãos e irmãs! Saúdo cordialmente todos vós que participais na 49ª Semana Social dos Católicos Italianos, convocada em Taranto. Dirijo a minha saudação fraterna ao Cardeal Gualtiero Bassetti, Presidente da Conferência Episcopal Italiana, ao Arcebispo Filippo Santoro e aos Bispos presentes, aos membros do Comité Científico e Organizador, aos delegados das dioceses italianas, aos representantes dos movimentos e associações, a todos os convidados e a quantos seguem o evento à distância. Este encontro tem um sabor especial. Sentimos a necessidade de nos encontrarmos e de nos vermos frente a frente, de sorrir e planear, de rezar e sonhar juntos. Isto é ainda mais necessário no contexto da crise gerada pela Covid, uma crise sanitária e social. Para sair dela, também os católicos italianos devem ser mais corajosos. Não podemos resignar-nos, estar a ver da janela, não podemos permanecer indiferentes ou apáticos sem assumirmos a responsabilidade pelos outros e pela sociedade. Somos chamados a ser a levedura que fermenta a massa (cf. Mt 13, 33). A pandemia evidenciou a ilusão do nosso tempo de que nos podemos considerar onipotentes, espezinhando os territórios que habitamos e o meio ambiente em que vivemos. Para nos reerguermos, devemos converter-nos a Deus e aprender a fazer bom uso dos seus dons, sendo a criação o primeiro de todos. Não nos falte a coragem da conversão ecológica, mas sobretudo não nos falte o ardor da conversão comunitária. Por esta razão, espero que a Semana Social seja uma experiência sinodal, uma plena partilha de vocações e talentos que o Espírito suscitou na Itália. Para que isto aconteça, é também necessário ouvir o sofrimento dos pobres, dos últimos, dos desesperados, das famílias cansadas de viver em lugares poluídos, explorados, queimados, devastados pela corrupção e pela degradação. Precisamos de esperança. É significativo o título escolhido para esta Semana Social

em Taranto, uma cidade que simboliza as esperanças e contradições do nosso tempo: «O planeta que esperamos. Meio ambiente, trabalho, futuro. Tudo está interligado». Há um desejo de vida, uma sede de justiça, um anseio de plenitude que brota das comunidades atingidas pela pandemia. Ouçamo-lo. É neste sentido que gostaria de vos oferecer algumas reflexões que vos podem ajudar a percorrer corajosamente o caminho da esperança, que podemos imaginar marcado por três “sinais”.

O primeiro **é a atenção nos cruzamentos**. Demasiadas pessoas cruzam as nossas vidas enquanto estão em desespero: jovens forçados a deixar os próprios países de origem e a emigrar para outro lugar, desempregados ou explorados numa precariedade sem fim; mulheres que perderam os seus empregos em tempos de pandemia ou são forçadas a escolher entre maternidade e profissão; trabalhadores deixados em casa sem oportunidades; pessoas pobres e migrantes que não são acolhidos nem integrados; idosos abandonados à sua solidão; famílias vítimas de usura, jogo e corrupção; empresários em dificuldade e expostos ao abuso da máfia; comunidades destruídas pelos incêndios... Mas também há muitas pessoas doentes, adultos e crianças, e operários forçados a fazer um trabalho árduo ou imoral, muitas vezes em condições precárias de segurança. Estes são rostos e histórias que nos interpelam: não podemos permanecer indiferentes. Estes nossos irmãos e irmãs são crucificados à espera da ressurreição. Que a fantasia do Espírito nos ajude a não deixar de tentar tudo para garantir que as suas legítimas esperanças se realizem.

Um segundo sinal **indica estacionamento proibido**. Quando vemos dioceses, paróquias, comunidades, associações, movimentos, grupos eclesiais cansados e desanimados, por vezes resignados face a situações complexas, vemos um Evangelho que tende a desvanecer-se. Pelo contrário, o amor de Deus nunca é estático nem derrotista, «tudo crê, tudo espera» (1 Cor 13, 7): impele-nos e proíbe-nos de parar. Põe-nos em movimento como crentes e discípulos de Jesus, percorrendo as estradas do mundo, seguindo o exemplo d'Aquele que é o caminho (cf. Jo 14, 6) e andou pelas nossas sendas. Portanto não fiquemos nas sacristias, não formemos grupos elitistas que se isolam e se fecham. A esperança está sempre em movimento e passa também pelas comunidades cristãs, filhas da ressurreição, que saem, anunciam, partilham, apoiam e lutam para construir o Reino de Deus. Como seria maravilhoso se, nos territórios mais marcados pela poluição e degradação, os cristãos não se limitassem a denunciar, mas assumissem a responsabilidade de criar redes de redenção! Como escrevi na Encíclica *Laudato si'*, «não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Neste campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso» (n. 194). Por vezes, prevalecem o medo e o silêncio, que acabam por favorecer as ações dos lobos malfeitores e do interesse individual. Não tenhamos medo de denunciar e de nos opor à ilegalidade, mas acima de tudo não tenhamos medo de semear o bem!

2 Uma terceira sinalização **é a obrigação de virar**. O grito dos pobres e o grito da Terra invocamno. «A esperança convida-nos a reconhecer que há sempre uma saída, podemos sempre mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas» (ibid., n. 61). O Bispo Tonino Bello, profeta na terra da Apúlia, gostava de repetir: «Não nos podemos limitar a esperar. Devemos organizar a esperança». Espera-nos uma profunda conversão, que toca a ecologia humana, a ecologia do coração, até antes da ecologia ambiental. O ponto de viragem só chegará se soubermos formar as consciências não para procurar soluções fáceis para proteger aqueles que já estão seguros, mas para propor processos de mudança duradouros em benefício das gerações mais jovens. Uma tal conversão, destinada a uma ecologia social, pode alimentar

este tempo que foi definido “transição ecológica”, onde as escolhas a fazer não podem ser apenas o resultado de novas descobertas tecnológicas, mas também de modelos sociais renovados. A mudança de época que estamos a atravessar exige um ponto de viragem. Olhemos, neste sentido, para tantos sinais de esperança, para tantas pessoas a quem quero agradecer porque, muitas vezes no escondimento laborioso, estão a trabalhar para promover um modelo

económico diferente, mais justo e mais atento às pessoas. Por conseguinte, este é o planeta que esperamos: um planeta onde a cultura do diálogo e da paz traga um novo dia, onde o trabalho confira dignidade à pessoa e salvguarde a criação, onde convirjam mundos culturalmente distantes, animados por uma preocupação conjunta pelo bem comum. Estimados irmãos e irmãs, acompanho o vosso trabalho com a oração e o encorajamento. Abençoo-vos, fazendo votos de que encarneis as propostas destes dias com paixão e firmeza. Que o Senhor vos encha de esperança. E por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 4 de outubro de 2021 Festa de São Francisco de Assis. Francisco
Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vatican14